

AS GANHADEIRAS DE ITAPUÃ: DA BAHIA PARA O SAMBÓDROMO DA MARQUÊS DE SAPUCAÍ

Hélia da Silva Alves Cardoso*

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral entender e compreender a importância dos cantos de trabalhos dos negros como parte integrante da cultura popular brasileira, analisando o grupo musical As Ganhadeiras de Itapuã-BA e a performance de sua história contada no carnaval do Rio de Janeiro pela escola de samba Unidos de Viradouro em 2020. A problematização abordada é a seguinte: qual a importância dos cantos de trabalho dos negros para a história popular brasileira? A história d’As Ganhadeiras de Itapuã é intrínseca a história do Brasil, os negros foram forçados a deixarem tudo para trás e se tornarem escravos do colonizador europeu. Esquecer seus costumes e tradições seria o mesmo que apagar, silenciar a história desses povos. Assim, seus cantos, danças e ritos foram descritos por viajantes em seus diários como vulgar e cultura de bárbaros, alguns poucos descreviam como algo rítmico e performático. Seja como for, essa cultura hoje está incorporada a cultura popular brasileira. A metodologia utilizada é bibliográfica descritiva, buscando apoio em referencial teórico que aborde sobre a performance, partindo de uma análise sobre a história dos negros escravizados que tiveram que se submeter à cultura do branco europeu e esquecer seus ritos. As Ganhadeiras de Itapuã fizeram de seu canto um resgate de suas tradições e costumes. Em 2004 nasceu o Coral com a perspectiva de não deixar morrer os ensinamentos afrodescendentes e, em 2020 essa história ganha a Avenida da Marquês de Sapucaí através do samba-enredo “Viradouro de alma lavada” da escola carioca Unidos do Viradouro.

Palavras-chaves: Cantos de trabalho. Ganhadeiras de Itapuã. Mulher negra. Unidos de Viradouro.

* Mestre em Estudos da Linguagem no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Campus Natal.

THE WINNERS OF ITAPUÃ: FROM BAHIA TO THE MARQUÊS DE SAPUCAÍ SAMBÓDROMO

Hélia da Silva Alves Cardoso*

ABSTRACT

This work has the general objective of understanding and understanding the importance of black songs as an integral part of Brazilian popular culture, analyzing the musical group As Ganhadeiras de Itapuã-BA and the performance of their story told during the Rio de Janeiro carnival by the Unidos de Viradouro samba school in 2020. The question addressed is the following: how important are black work songs for Brazilian popular history? The story of As Ganhadeiras de Itapuã is intrinsic to the history of Brazil, black people were forced to leave everything behind and become slaves of the European colonizer. Forgetting their customs and traditions would be the same as erasing, silencing the history of these people. Thus, their songs, dances and rites were described by travelers in their diaries as vulgar and barbaric culture, a few described it as something rhythmic and performative. Be that as it may, this culture is now incorporated into Brazilian popular culture. The methodology used is descriptive bibliography, seeking support in theoretical references that address performance, starting from an analysis of the history of enslaved black people who had to submit to white European culture and forget their rites. The Ganhadeiras of Itapuã made their song a rescue of their traditions and customs. In 2004, the Choir was born with the aim of not letting Afro-descendant teachings die and, in 2020, this story takes over Avenida da Marquês de Sapucaí through the samba-plot “Viradouro de alma lavada” by the Rio school Unidos do Viradouro.

Keywords: Work corners. Winners from Itapuã. Black woman. Unidos de Viradouro.

* Master's Degree in Language Studies from the Graduate Program of the Federal University of Rio Grande do Norte (UFRN), Natal Campus.

INTRODUÇÃO

A importância dos cantos dos negros para compor a história popular brasileira é fundamental, haja visto não há como excluí-los de nosso panorama, a população brasileira é uma mistura de raças, sendo que a maioria é de descendência africana, a contribuição dos africanos que vieram sob a forma forçada, que foram obrigados a deixarem toda a sua vida livre em suas terras na África para submeterem-se ao regime escravocrata severo do colonizador, em nossa cultura é enorme, suas tradições, costumes, danças, folguedos, comidas típicas, músicas, etc, foram e são intrínsecos a nossa cultura.

As Ganhadeiras de Itapuã, objeto de estudo deste trabalho, tinham como palco becos, vielas e ladeiras na Salvador do século XIX aos dias atuais, as negras caminhavam diariamente com seus tabuleiros e gamelas vendendo o que fosse para ganhar algum vintém. As Ganhadeiras de Itapuã é a história de um povo que está ligado totalmente à história dos nossos antepassados, aqueles que deram o sangue, literalmente, para a construção desse país tão miscigeno.

O legado cultural delas é imensurável e se expandiu mais, em 2004 com a criação do coral musical As Ganhadeiras, seus cantos, ritos, tradições e cultura é passado de geração em geração, através da música, neste caso com o ritmo samba, elas pretendem não deixar que nada disso morra. E, em 2020, a escola de samba Unidos do Viradouro do Rio de Janeiro, levou para a Avenida da Marquês de Sapucaí a história dessas mulheres.

O problema abordado aqui será: qual a importância dos cantos de trabalho dos negros para a história popular brasileira? Tendo em destaque a história das Ganhadeiras de Itapuã-BA, um grupo de mulheres negras que lavavam roupas para obter algum ganho e, assim, sustentarem a casa e a família, de ganho, daí vem o nome, ganhadeiras. O ambiente ao qual estas habitam é o bairro de Itapuã em Salvador na Bahia.

Partindo do problema, temos como objetivo geral, entender e compreender a importância dos cantos de trabalhos dos negros como parte integrante da cultura popular brasileira, analisando o grupo musical As Ganhadeiras de Itapuã-BA e sua história contada no carnaval do Rio de Janeiro em 2020. Assim, procurarei estabelecer a importância dos cantos dos negros como performances para a valorização da cultura afro-brasileira na cultura popular e reconhecer o quão tais cânticos foram e são fundamentais para a construção identitária de nossa população miscigena.

AFRO-PERFORMANCES NOS CÂNTICOS DE TRABALHO DOS NEGROS

O colonizador europeu com sua pele branca, cabelos lisos, olhos claros, se achando superior às raças que não têm essas características, oprimiu e escravizou tais raças consideradas inferiores, com o período das Grandes Navegações, as descobertas de novas terras longínquas também vieram o sofrimento de um povo que vivia suas vidas, suas tradições e costumes na África. Lá estes povos tinham hierarquia, rei, danças e cantos diversos, todos tendo que abandonar sua cultura e tradição à força quando o branco chegou e os capturou para o trabalho escravo nas inúmeras colônias espalhadas no Novo Mundo.

Os negros trouxeram sua cultura, tradição e costumes para as colônias. Praticavam sua expressão cultural nos momentos de “descanso”, ou seja, quando estavam nas senzalas, seus cânticos ecoavam, um canto de sofrimento, alegria por algo que acontecia, por resistência quando fugiam para os quilombos, ou simplesmente para não ter sua cultura esquecida mais do que já estava. Em meio aos diversos cantos, os de trabalhos foram os que mais se destacaram, haja vista funcionava não apenas como um canto qualquer, havia toda uma performance.

Segundo Tinhorão (1988), para tudo havia um ritual (canto e dança), desde assuntos particulares como: nascimento, puberdade, casamento, morte à assuntos gerais da comunidade, como: cataclismos, lutas de guerra, vitórias, caçadas, confraternizações, isso fora as canções e danças das cerimônias religiosas, esse repertório, ficou conhecido como as canções de trabalho. Essa tradição de ritual, cântico e dança, chega ao nosso território e a princípio foi combatida com violência pelos europeus, pois consideravam esses cânticos performáticos algo vulgar e feio. No entanto, analisando que os negros sem essas tradições ficavam tristes e produziam menos, revogaram e permitiram com moderação.

Tinhorão (1988) afirma que os cantos nas colônias passaram a ser um meio de comunicação entre os negros trabalhadores (escravos) compondo um jogo metafórico muito inteligente, já que a língua era diferente da dos colonizadores. Daí, a performance, funcionando como uma conversa, onde, por exemplo, durante o amanhecer do dia, quando os escravos iam para a lavoura, um grupo começava entoando “Olá, companheiro”, ao passo que outro respondia “Que é lá?” e seguia-se cantando sobre o cantar do galo, o raiá do sol, além de conter alguns versos poéticos. O canto era acompanhado de gestos. Podemos compreender como um grito de que os negros mesmo cativos, não estavam sós.

Tinhorão (1988) nos informa que por serem considerados vulgares e feios os cantos dos negros, pouco se conhece sobre a originalidade do que era entoando nas lavouras ou nas cidades

naquele tempo, mais especificamente, no Rio de Janeiro, depois da abolição da escravatura. Os raros registros sobre as letras originais são descritos por algum viajante da época que veio e narrou em seus diários de viagem. E como tais viajantes eram brancos europeus, a originalidade ainda fica mais escassa. Sem mencionar que durante os anos de 1930, os cantos quase não se ouviam nas cidades, os negros tinham os piores empregos e desprovidos de direitos, somente lhes restavam cantar sobre seu sofrimento ou apenas calarem-se.

Sem registro por escrito, os cânticos dos negros foram passando de geração em geração de modo oral, contando com a memória dos mesmos, para Martins (2003, p. 65) a tradição oral representa não apenas uma expressão simbólica, mas constitui em si própria uma performance, o que para a mesma “numa performance da oralidade, por exemplo, o gesto não é apenas uma representação mimética de um sentido possível, veiculado pela performance, mas também institui e instaura a própria performance.”

Quanto à impressão que tais cantilenas produziam aos ouvidos poucos afeitos dos estrangeiros às características específicas da música africana, podia ser avaliada pelos dois adjetivos mais empregados por eles em suas anotações: “monótonas” e “bárbaras”. Havia, porém, quem não pensasse assim, como seria o caso do príncipe alemão Paulo Alexandre de Wuertember que, de passagem pela Bahia em março de 1853, escreveria encantado com a cantoria dos negros carregadores de Salvador: “Quer descendo, quer subindo, vencendo encostas íngremes e caminhos pedregosos – cantam! Cantam sempre, durante toda a marcha. Acho até que esses homens singelos cantam muito bem canções africanas e melodias de outra origem, cadenciadas em trechos rítmicos, e de caráter musical verdadeiramente interessante.” (TINHORÃO, 1988, p. 125).

Percebemos que mesmo muito raro, ainda existe registro de algum viajante que valorizava os cantos de trabalho dos negros, isso é importante para compreendermos a nossa história, ou seja, a história de nosso país e conseqüentemente a história do povo que foi oprimido simplesmente por ter cor de pele diferente. Na descrição do príncipe alemão Paulo Alexandre, vemos que ele enxergava nos negros certa felicidade, que mesmo subindo lugares íngremes e pedregosos não param de cantar, enquanto para outros viajantes os cantos eram de bárbaros para outros, neste caso o príncipe, os cantos eram uma música interessante com trechos de ritmos agradáveis aos ouvidos.

Martins (2003, p. 64) nos traz a ideia de corpo como “transmissão e transcrição do conhecimento”, esse corpo performático age por instinto e gera a poética, a oralidade não-verbal. Sobre performance, Zumthor (2007, p. 31) afirma que a “performance é

reconhecimento. A performance realiza, concretiza, faz passar algo que eu reconheço, da virtualidade à atualidade.” Os cantos dos negros representam o passado que veio através de tradição oral chegando até a atualidade.

O fato dos negros realizarem um canto e dança para todo ritual que era feito, fez com que “os ritos de ascendência africana, religiosa e seculares, reterritorializam uma das mais importantes concepções filosófica e metafísica africanas, a da ancestralidade.” MARTINS (2003, p. 75). A ancestralidade é intimamente ligada ao processo dos rituais africanos nas antigas colônias, hoje nações independentes, valorizar esses cantos, tentar resgatá-los é ir em busca do resgate de nossa própria história, além de que, ir ao encontro da ancestralidade dos negros representa o enaltecer da sua cultura e tradição.

Martins (2003) nos apresenta que a oralitura não restringe a transmissão do repertório cultural apenas por procedimentos culturais através da tradição verbal, mas que é a performance de fundamental importância para transmitir esses saberes culturais, utilizando assim, dança, cantos e ritos. A performance para a autora constitui-se, pois, em um “inscrito na grafia do corpo em movimento e na vocalidade”. (MARTINS, p. 77). É o corpo um meio de manifestar e propagar a linguagem ancestral dos negros, uma amostragem que ultrapassa o papel caligrafado e transforma o corpo em performance.

O corpo quando em estado de performance produz um conhecimento e, este é registrado na memória quando tal gesto é realizado. A memória pode ser um dos meios pelos quais os saberes dos mais velhos vão passando para os mais novos, um saber hierárquico performático que vai assumir na memória popular uma saber fundamental, uma vez que entendemos o corpo como sinônimo de voz. Para Arantes (1985, p. 18) a cultura popular “surge como uma “outra” cultura que, por contraste ao saber culto dominante, apresenta-se como “totalidade” embora sendo, na verdade, construída através da justaposição de elementos residuais e processo “natural” de deterioração.” O fato de a cultura popular ser considerada a “outra”, e principalmente quando pensamos sobre a condição dos negros, sua cultura e tradição não era digna, por assim dizer, de estar escrito nos livros, por isso, contou com a memória pautada na oralidade para chegar até os dias atuais.

A "recepção" vai se fazer pela audição acompanhada da vista, uma e outra tendo por objeto o discurso assim performatizado: é, com efeito, próprio da situação oral, que transmissão e recepção aí constituam um ato único de participação, co-presença, esta gerando o prazer. Esse ato único é a performance. (ZUMTHOR, 2007, p. 65).

A performance dos cantos dos negros formam uma valiosa herança ancestral e contou, como já mencionado, com a memória, a recepção no início não foi boa, registrado por viajantes que vinham ao Brasil e viam os negros cantando nas lavouras de café ou quando estes cantavam ao realizarem seu labor subindo e descendo por ladeiras íngremes e pedregosas nas ruas e vielas do Rio de Janeiro como nos informa Tinhorão (1988). Sobre o prazer único que a performance gera, Zumthor (2007) complementa nos dizendo que esta trata-se da presença no mundo e em si mesma, que não podemos falar de performance como algo único e singular. Ela abrange pluralidade, há distintos graus e modalidades. A performance é, portanto, capturada num contexto de pura oralidade e é o corpo seu instrumento de transmissão de gestos e voz.

A “Voz implica ouvido. Mas há dois ouvidos, simultâneos, uma vez que dois pares de ouvidos estão em presença um do outro, o daquele que fala e do ouvinte.” (ZUMTHOR, 2007, p. 86). Na performance dos cantos dos negros os dois ouvidos ao qual Zumthor (2007) expõe foram ambos propagados, haja vista, houve os viajantes que na concepção de Tinhorão (1988) enxergavam naquela cantoria seres “bárbaros” e vulgares e outros que sentiam emoção e viam beleza, estes eram os ouvintes, os falantes eram os próprios negros, que seja na condição de cativo, seja na condição de livre, compreendiam que seu canto era o modo que os conectavam com seus antepassados.

QUEM SÃO AS GANHADEIRAS DE ITAPUÃ-BA

Na página do Instagram, a bio é descrita como: Resgatar, preservar e fortalecer as raízes e tradições histórico-culturais do Brasil, seguindo das hashtag tesouro da Bahia, do Brasil e do Mundo. A história das ganhadeiras de Itapuã se mistura à nossa própria história. Seus antepassados vieram de longe em condições deploráveis, amordaçados, presos a ferro como animais em porões de navios negreiros, sofrendo maus-tratos, fato que causava a morte de muitos antes mesmo de aportarem no destino final, e este, podemos afirmar com certeza, era ainda pior.

Grande parte de nossa população é afrodescendente, isso se deu infelizmente pelo início do tráfico de escravos desde a segunda metade do século XV pendurando até meados do fim do século XIX. A Bahia, por ter sido o principal porto de entrada foi e é o berço dos afrodescendentes no território brasileiro. Em um bairro específico de Salvador nasceu um grupo de mulheres que em busca de sustento seja quando na posição de escravas seja quando já

libertas, precisavam sobreviver, vendia o que fosse para obter o ganho, o bairro? Itapuã. O grupo? As Ganhadeiras de Itapuã.

Figura 1 - As Ganhadeiras de Itapuã-BA



Fonte: <https://www.instagram.com/asganhadeirasdeitapuã/>

No site d’As Ganhadeiras, na aba Linha do tempo, Histórias cruzadas, temos:

A história de um lugar, Itapuã, mas também a história de um país em transformação pelo protagonismo das mulheres. Uma história em que a luta pela sobrevivência se converte em poesia, música, dança, aconchego e afeto. Semelhante ao colar de contas usado pelas Ganhadeiras, nessa linha histórica cada pessoa é como uma miçanga, única em sua cor, forma, dimensão, mas cuja beleza sobressai quando em conjunto.³

Portanto, merece destaque a história de um grupo de mulheres que no século XIX, quando o regime escravocrata ainda era vigente, escravas ou libertas, passaram a realizar variados trabalhos de ganho. A finalidade era obter lucro para seus antigos senhores e assim, conseguirem a tão sonhada liberdade. Já libertas, esse ganho continuava, já que tinham que garantir a sobrevivência em um território onde desigualdades reinavam tanto quanto seus imperadores.

No século XX, Itapuã era pouco conhecido, a distância do centro da cidade faz com que o bairro se transforme em um refúgio dos poetas e artistas, sendo um deles, um velho conhecido nosso, Dorival Caymmi, um dos responsáveis por fazer de Itapuã, um lugar reconhecido. Suas “canções praieiras” lançadas em 1932, exaltava o lugar, dando encanto e fazendo do imaginário

³ Disponível em: <https://ganhadeirasdeitapuã.org/timeline/historias-cruzadas/>

daqueles que o ouviam que Itapuã era um lugar mágico. Entre 1970 e 1980, a tradição d’As Ganhadeiras resiste através da oralidade, por meio da memória, os bailes pastoris realizados na região de Itapuã, são fundamentais para essa resistência. Diversos grupos se apresentavam, incluindo o “Mantendo a Tradição”. Um grupo que era organizado por Dona Francisquinha se apresentou até meados do fim de 1980, período em que morre Dona Guei, a ganhadeira dos tempos mais antigos.

De 1990 a 2000, alguns eventos acontecem e põe em risco o ganho das mulheres da região. Em 1991, as lavadeiras são proibidas pelas autoridades locais de lavarem as roupas na Lagoa do Abaeté. Segundo as autoridades, o sabão utilizado por elas estava poluído as águas e matando os peixes, essa proibição foi motivo de perda de renda e falta de perspectiva de trabalho.

Seria o fim das lavadeiras do Abaeté? Com a proibição, foi criada uma lavadeira com tanques de cimento no Parque do Abaeté, a Casa das Lavadeiras, mas com a mudança as lavadeiras preferiram lavar em casa. Mesmo diante da crescente desvalorização da paisagem, da cultura local e do avanço da urbanização por toda a cidade, A lavagem de ganho na Lagoa até poderia ter sido interrompida, mas o legado ancestral das ganhadeiras jamais. E foi assim que no final dos anos 1990 começaram a surgir, a partir dos próprios moradores, diferentes iniciativas que buscavam resgatar a memória das antigas tradições do bairro. A demonstração de que o legado das ganhadeiras resiste ao tempo.⁴

Foi a partir desse evento que de conversa em conversa, de junção para realizar rodas de samba, que um coral começou a surgir. As tantas mudanças urbanas não são capazes de apagar da memória da vila de pescadores o legado dos ancestrais e isso se dá graças às primeiras ganhadeiras, seu canto e história atravessam gerações. Em 2002, morre Dona Francisquinha, deixando um grande legado de tradição oral que será passado adiante pelas gerações de ganhadeiras. Oficialmente, em 13 de março de 2004, nasce o *Coral das Ganhadeiras*, um grupo musical formado por homens e mulheres que se reuniam para conversar e cantar samba de roda. A homenagem é às antigas ganhadeiras de Itapuã “que obtinham seu sustento lavando roupa de ganho na Lagoa do Abaeté ou vendendo o peixe que era comprado na mão dos pescadores da praia, mas que também reflete a vivência e a história de um lugar na cidade de Salvador: Itapuã.” (Site das Ganhadeiras).

⁴ Disponível em: <https://ganhadeirasdeitapua.org/timeline/anos-1990-2000/>

A tradição das ganhadeiras se fortalece cada vez mais na cultura baiana. Em 2008 elas participam da minissérie da Rede Globo, *Ó pai ó* ao lado do ator baiano Lázaro Ramos e do Bando de Teatro Olodum. No ano seguinte participam da gravação do DVD *Santo de Casa*, a convite especial da cantora baiana Mariene de Castro. Em 2010, a TV Bandeirantes grava uma matéria com as ganhadeiras e elas buscam o reconhecimento de sua arte como patrimônio nacional. Este reconhecimento ganha força quando uma importante revista internacional, a *Mag!*, publica um ensaio com várias páginas enaltecendo a cultura e a arte das ganhadeiras.

Articulações pedagógicas no coro das ganhadeiras de Itapuã: um estudo de caso etnográfico, este é o título da tese de doutorado da pesquisadora Harue Tanaka Sorrentino, de 2012. Sorrentino, desde 2007 já pesquisava a tradição musical do grupo de mulheres de Itapuã. Na forma mais bela de nos apresentar em sua tese *As Ganhadeiras*, nos mostra no tópico intitulado “*As Ganhadeiras: (En)Cantando (com) sua história*” que:

O ponto de partida desta pesquisa, portanto, foi o desvelamento sobre a história das Ganhadeiras. Outrossim, compreender como as ganhadeiras coristas, a maioria delas ainda exercendo profissões de ganho, recontavam histórias da Itapuã de uma época em que ainda não havia chegado a luz elétrica. A água provinha das inúmeras fontes e bicas espalhadas pela praia que, hoje, não existem mais, e nos arredores onde se teve a primeira notícia de uma televisão na casa da vizinha de Dona Flora (avó de Fábio, violonista e um dos participantes do grupo). Memórias dos tempos em que Itapuã ainda era uma praia de veraneio e a economia se movimentava, principalmente, a partir da atividade pesqueira e da prestação de serviços domésticos pelas ganhadeiras aos veranistas. (SORRENTINO, 2012, p. 31).

Após ser tese de doutorado, terem se apresentado em diversos lugares e eventos, 2012 é o momento de gravar um CD. Com esta visibilidade de trabalho artístico, o Coral vê a oportunidade de se firmarem como patrimônio imaterial das tradições orais da Bahia e do Brasil. O CD foi lançado no dia 25 de setembro de 2014 com o título “*As Ganhadeiras de Itapuã*”, momento mais que celebrado, pois, comemorava-se 10 anos de existência do coral.

Segundo Sorrentino (2012, p. 38), os cantos que são compostos pelo e para o grupo descrevem detalhadamente a história de vida, o local onde habitam e os personagens participantes daquele lugar, “para cantar e contar sobre Itapuã e sobre seus antepassados, surgiram as músicas do grupo que relatam e dão conhecimento ao povo baiano e a todos sobre quem foram as ganhadeiras, tornando-as registros vivos de sua própria história”.

Nos Jogos Olímpicos, Rio 2016, *As Ganhadeiras de Itapuã*, estavam lá, tanto no show de abertura do Comitê Olímpico Internacional, na Cidade das Artes, quanto na cerimônia de

encerramento interpretando a música “Mulher rendeira”, no estádio do Maracanã. Comemora-se em 2019, 15 anos de Ganhadeiras, no dia 31 de julho no Teatro Castro Alves (Salvador) houve a gravação do DVD “As Ganhadeiras de Itapuã – Uma História Cantada”. Alguns convidados ilustres estavam presentes nesta gravação, como Larissa Luz, Malê Debalê, Mariene de Castro, Margareth Menezes, Seu Regi de Itapuã, Saulo Fernandes e, uma participação mais que especial, da qual nasceria uma amizade terna com alma de campeã, falo da Escola de Samba Unidos do Viradouro (Niterói, RJ) que foi representada pelos dançarinos Julinho Nascimento e Rute Alves, seu primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira. No ano seguinte a escola levaria para Avenida a história das ganhadeiras e ganharia o carnaval.

É como diz Cruz (2019, p. 26) “ao olhar para a observação do processo comunicacional das ganhadeiras de Itapuã – a partir da Lagoa do Abaeté – é notável como a memória se torna o termo de ligação entre as mulheres.” Gerações e gerações de ganhadeiras foram transmitindo sua tradição e cultura, graças a essa resistência, em pleno século XXI podemos contar e aprender sobre a cultura dos afrodescendentes que é tão rica e majestosa.

Em 2021 foi inaugurado o Museu Virtual Casa de Ganho surgindo com um pé no passado, mas mirando o futuro. O espaço virtual é um convite a uma experiência que ultrapassa o tempo e conta a história d’As Ganhadeiras para o mundo. O museu virtual é um verdadeiro mergulho no passado de Itapuã e nas memórias de seus habitantes. Ali pode se ver as mulheres de ganho, rompendo as fronteiras do tempo e do espaço.

UNIDOS DO VIRADOURO

Fundada em 24 de junho de 1946, utilizando as cores vermelho e branco, o Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos do Viradouro ou simplesmente Viradouro ou Unidos do Viradouro, nasceu a partir das rodas de samba realizadas no quintal de Nelson dos Santos, conhecido popularmente como Jangada. A casa ficava na Rua Capitão Roseira, próximo à Rua Dr. Mario Viana, que na época era chamada de Viradouro, porque os bondes que transportavam a população de Niterói faziam o retorno, daí o nome.

No ano seguinte, a escola estreou no carnaval carioca e durante 39 anos encantou os foliões niteroienses, conquistando 18 títulos entre 1949 a 1984. Já no carnaval carioca a Unidos do Viradouro começou no grupo 4 e foi subindo até conquistar o campeonato do grupo 1, em 1990, com o enredo “Só vale o escrito”, do carnavalesco Max Lopes e samba de Adir, Odir Sereno, Gelson e Gilberto Barros. No ano de 2010 a escola voltou ao grupo de acesso, somente

retornando ao grupo especial em 2015 e sendo rebaixada novamente. Voltando só em 2018 e em 2019 sendo vice-campeã e campeã em 2020. Atualmente a Unidos do Viradouro é uma das superpotências do Carnaval carioca.

No carnaval de 2020, os cariocas da Viradouro se renderam ao encanto d’As Ganhadeiras de Itapuã e com o enredo “Viradouro de alma lavada” fazendo uma referência à música “Com a alma lavada” de Jenner Salgado, levou para a Avenida de Sapucaí a história de resistência e luta dessas mulheres de ganho. Com um desfile impecável, que desde a Comissão de frente até a última Ala e carro alegórico já mostrava que viriam para ganhar, o resultando não foi diferente, a escola se consagrou como campeã, após 23 anos de jejum.

Figura 2 - Comissão de frente da Viradouro no Carnaval de 2020



Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/2020/02/26/resultado-do-carnaval-do-rio-confirma-forca-das-religoes-de-matriz-africana>

Os carnavalescos responsáveis foram Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon, a letra é dos compositores: Cláudio Russo, Paulo Cesar Feital, Diego Nicolau, Júlio Alves, Dadinho, Rildo Seixas, Manolo, Anderson Lemos e Carlinhos Fionda. A escola entrou na Avenida com 27 Alas, 300 ritmistas, a rainha de bateria foi Raíssa Machado, o 1º casal de mestre-sala e porta-bandeira foram Julinho Nascimento e Rute Alves, a Comissão de frente foi coreografada por Alex Neoral. O intérprete foi Zé Paulo Sierra, que está na escola desde 2014.

Na execução do desfile a bateria fez duas bossas misturando o samba com ritmos baianos, além de levar para a Marquês de Sapucaí uma estrutura perto da bateria que representava um tambor cenográfico, onde duas ritmistas escondidas, em alguns momentos, eram elevadas. A escola também ganhou o Estandarte de Ouro – o mais antigo e importante

prêmio extraoficial do carnaval do Rio de Janeiro, conhecido como o Óscar do samba ou Óscar do carnaval – de Melhor Enredo e Melhor Comissão de Frente.

Figura 3 - As Ganhadeiras no Sambódromo da Marquês de Sapucaí



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CITCI2sl5JX/>

O enredo da Viradouro trás uma narrativa afetiva, os carnavalescos propuseram um mergulho na história e nas águas da Lagoa do Abaeté e no Mar de Itapuã, lugar de trabalho dessas mulheres, assim, a letra do samba-enredo foi a linguagem poética dos cantos entoados pelas ganhadeiras.

Levanta, preta, que o sol tá na janela
Leva a gamela pro xaréu do pescador
A alforria se conquista com o ganho
E o balaio é do tamanho do suor do seu amor

Mainha, esses velhos areais
Onde nossas ancestrais acordavam as manhãs pra luta
Sentem cheiro de anjelim
E a doçura do quindim
Da bica de Itapuã

Camará ganhou a cidade
O erê herdou liberdade
Canto das Marias, baixa do dendê
Chama a freguesia pro batuquejê

São elas, dos anjos e das marés
Crioulas do balangandã, ô iaiá
Ciranda de roda, na beira do mar
Ganhadeira que benze, vai pro terreiro sambar

Nas escadas da fé:
É a voz da mulher!

Xangô ilumina a caminhada,
A falange está formada, um coral cheio de amor
Kaô, o axé vem da Bahia
Nessa negra cantoria
Que Maria ensinou

Ó, mãe! ensaboa, mãe!
Ensaboa, pra depois quarar

Ora yê yê ô oxum! seu dourado tem axé
Faz o seu quilombo no Abaeté
Quem lava a alma dessa gente veste ouro
É Viradouro! É Viradouro!⁵

A história d’As ganhadeiras é apresentada pela Viradouro em seu enredo como sinônimo de valentia e de bravura, mulheres que enfrentaram todo tipo de obstáculos para sobreviverem desde o surgimento no século XIX com a venda e lavagem para obter ganho até chegar à atualidade, onde se firmam como propagadoras de saberes culturais dos afrodescendentes, resgatando, resistindo e transmitindo através da oralidade sua história, que não deixa de ser a nossa história também. A Escola levou para a Avenida da Marquês de Sapucaí um enredo que aborda história e cultura de mulheres negras que eram cativas ou libertas, em busca de manter vivas suas tradições e sua ancestralidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história d’As Ganhadeiras de Itapuã está inserida na cultura popular brasileira, “A assim chamada arte do povo é caracterizada sempre pela negativa, por algum tipo de falta: ela é vista como “desprovida de qualidade artística”, como “tentativa tosca e desajeitada de exprimir fatos triviais”, é “ingênuas”, “retardatária”, etc.” (ARANTES, 1985, p. 53). Vemos que a cultura popular por si só já é desvalorizada por se tratar de manifestação do povo mais carente, os “desprovidos de qualidade artística”, quando essa manifestação parte da população afrodescendente, essa cultura tende a ser menos valorizada ainda. É sobre essa não-valorização que Tinhorão (1988) traça um panorama, nos informando desde o início de como chegou nas colônias os sons dos negros através do congado e como propagou através de seus cantos de trabalhos.

⁵ Disponível em: <https://unidosdoviradouro.com.br/enredo/>

O resgate desses sons é essencial não apenas para a cultura afrodescendente brasileira, mas para o mundo, o reconhecimento e integração dos negros no contexto histórico-social é um fato real e que deve ser perpetuado, o grupo musical As Ganhadeiras de Itapuã é um exemplo de luta, força e resistência cultural, conectar com sua ancestralidade e não deixar que tais tradições e costumes sejam apagados é sua luta diária. Por isso essas mulheres veem a gerações transmitindo seus costumes tradicionais para não serem silenciadas nem apagadas da história.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Antônio Augusto. **O que é cultura popular**. 8ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

CRUZ, Thiago Conceição. **Ganhadeiras de Itapuã: as formas de dizer de si**. Salvador, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/29989/1/GanhadeirasFormasdedizerdesiPDF.pdf>. Acesso em 07 de setembro de 2021.

MARTINS, Leda Maria. **Performances da oralitura: corpo, lugar da memória**. Santa Maria, RS: Revista Letras nº. 26. Língua e literatura: limites e fronteiras, jun. 2003, p. 63-81.

SORRENTINO, Harue Tanaka. **Articulações Pedagógicas do Coro das Ganhadeiras de Itapuã: um estudo de caso etnográfico**. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/12585>. Acesso em 19 de setembro de 2021.

TINHORÃO, José Ramos. **Os sons dos negros no Brasil: cantos, danças, folguedos, origens**. São Paulo: Art Editora, 1988.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. 2ª. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

VIRADOURO. Disponível em: <https://unidosdoviradouro.com.br/>. Acesso em 29 de agosto de 2021.

VIRADOURO 2020 – Desfile completo (campeã). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=W3bnk6SQZEU&t=249s>. Acesso 25 de agosto de 2021.

As Ganhadeiras de Itapuã: Sobre o grupo. Disponível em: <https://ganhadeirasdeitapua.org/p/sobre-o-grupo/>. Acesso em 29 de agosto de 2021.

As Ganhadeiras de Itapuã. @asganhadeirasdeitapua. Disponível em: <https://www.instagram.com/asganhadeirasdeitapua/>. Acesso em 15 de setembro de 2021.

Documentário **As Ganhadeiras de Itapuã - As Ganhadeiras da Viradouro (Carnaval 2020)**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8Tzbf5PGFFg>. Acesso em 10 de setembro de 2021.

***Este trabalho foi originalmente publicado no livro “Diálogos Científicos” (2023), da Editora Coletivo Cine-Fórum, disponível em www.coletivocineforum.com/livros*